

A Preservação e revitalização do Tupi: um diálogo com Eduardo Navarro

The Preservation and revitalization of Tupi: an interview with Eduardo Navarro

Entrevistador: **Roberto Carlos de Assis**¹

Doutor em Linguística Aplicada, com área de concentração nos Estudos da Tradução. Professor de Tradução do Departamento de Mediações Interculturais e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba.

 <https://orcid.org/0000-0002-1555-7712>

Entrevistador: **José Romildo Araújo da Silva Guyraakanga Potiguara**²

Professor indígena, tradutor e pesquisador da língua Tupi Antigo e de sua variante Potiguara. Graduado em História e em Letras, atua na documentação, ensino, formação e valorização dos saberes linguísticos e culturais do povo Potiguara.

Entrevistado: **Eduardo de Almeida Navarro**³

É licenciado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (1984), bacharel em Grego pela Universidade de São Paulo (1995), mestre em Geografia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (1991) e doutor em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (1995). Atualmente é professor associado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, tendo experiência no ensino e na pesquisa do Tupi Antigo, da Língua Geral Amazônica colonial, do Nheengatu e da literatura do Brasil colonial.

 <https://orcid.org/0000-0002-8001-8766>

Data de recebimento: 08 de maio de 2025.

Data de aceite: 29 de maio de 2025.

Como citar esta entrevista: ASSIS, R. C. POTIGUARA, J. R. A. S. G. NAVARRO, E. A. A Preservação e revitalização do Tupi: um diálogo com Eduardo Navarro. *Revista InterCulturas*, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. e74047, jun. 2025. DOI: 10.5281/zenodo.15580980

Nesta edição da *Interculturas*, destacamos uma entrevista com o professor Eduardo de Almeida Navarro, renomado pesquisador do Tupi Antigo e figura importante

¹ Endereço eletrônico: roberto.assis@academico.ufpb.br

² Endereço eletrônico: romildonline@gmail.com

³ Endereço eletrônico: edalnava@yahoo.com.br

nos esforços de revitalização dessa língua entre os Potiguara. Ao longo da conversa, Navarro oferece uma visão ampla sobre a história dessa língua, o processo que levou ao seu quase desaparecimento e algumas das iniciativas contemporâneas para revitalizá-la.

Durante séculos, os Potiguara que habitam o litoral norte da Paraíba foram submetidos a uma série de políticas colonizadoras que impactaram profundamente sua cultura e identidade linguística. Um dos efeitos mais significativos desse processo foi o desaparecimento do Tupi como língua de uso da comunidade. Diversos fatores históricos contribuíram para essa perda, entre eles as guerras de conquista e as políticas linguísticas como a imposta por Marquês de Pombal, que em meados do século XVIII, proibiu o uso das línguas indígenas nas instituições coloniais e impôs a língua portuguesa em todos os domínios do império. A isso somaram-se políticas assimilacionistas promovidas pelo Estado brasileiro nos séculos XIX e XX, bem como pressões políticas e econômicas associadas à exploração dos territórios indígenas, o que comprometeu severamente a transmissão intergeracional do idioma entre os Potiguara.

Segundo registros documentados por pesquisadores como Moonen e Maia (2008a⁴, 2008b⁵), Cabral (2024)⁶ e Maria (2024)⁷, estima-se que o Tupi tenha entrado em um período de dormência de aproximadamente 250 anos. Somente nas primeiras décadas do século XXI é que se iniciaram esforços de revitalização linguística, conduzidos por lideranças Potiguara em articulação com o Professor Eduardo de Almeida Navarro (USP) e instituições governamentais como FUNAI e Governo do Estado da Paraíba. Essas iniciativas têm como objetivo central o fortalecimento da identidade étnica potiguara e a reativação de uma língua que, embora não predomine na comunicação cotidiana, permanece viva no léxico regional, e ganha crescente presença nos rituais do toré e em práticas pedagógicas em escolas e universidades.

⁴ MOONEN, Frans; MAIA, Luciano Mariz. História dos índios potiguaras: 1500-1983 (Relatórios e documentos). 2ª edição digital. Recife, 2008a.

⁵ MOONEN, Frans; MAIA, Luciano Mariz. História dos índios potiguaras: 1984 - 1992 (Relatórios e documentos). 2ª edição digital. Recife, 2008b.

⁶ CABRAL, Dherek Rinaldi. A tradução como revitalização entre os Potiguara (PB). Dissertação — USP, 2024.

⁷ MARIA, Ezequiel. Os Potiguara: o que não te contaram sobre nós. Rio Tinto, PB: Anderson Costa, 2024.

A entrevista explora os desafios e as estratégias adotadas pelo Projeto POTI, responsável por formar os primeiros professores potiguaras no ensino do Tupi Antigo, bem como os entraves na criação de materiais didáticos e no desenvolvimento de inovações linguísticas para reintegrar o Tupi à vida cotidiana da comunidade. Aborda-se ainda o estágio atual da revitalização, com destaque para o surgimento de indígenas proficientes no idioma. Navarro também reflete sobre o papel das traduções e das instituições acadêmicas nesse processo, além de destacar como o projeto contribui para o fortalecimento da identidade cultural potiguara e, por extensão, da diversidade linguística brasileira. Essa conversa revela uma rica interação entre história, cultura e linguística, lançando luz sobre a importância de preservar e revitalizar línguas indígenas como parte essencial do patrimônio cultural da humanidade. Trata-se de uma leitura que inspira e convida à reflexão sobre a pluralidade cultural e linguística do país.

Eduardo de Almeida Navarro é professor titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, tendo experiência no ensino e na pesquisa do Tupi Antigo, da Língua Geral Amazônica colonial, do Nheengatu e da literatura do Brasil colonial. É licenciado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (1984), bacharel em Letras Clássicas (Grego) pela Universidade de São Paulo (1995), mestre em Geografia Física pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (1991) e doutor em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (1995). Fez pós-doutorado no *Xavier Institute of Historical Research*, em Goa, na Índia (2005).

Entrevistadores: O senhor poderia nos contar um pouco sobre a história da língua Tupi entre os Potiguara da Paraíba e como ela chegou a ser praticamente esquecida nas últimas gerações?

Eduardo Navarro: Os potiguaras estão na costa do Brasil desde tempos pré-históricos, provavelmente desde o século XV. Ocupavam a costa nordestina no trato que vai do rio Paraíba até o litoral setentrional do Rio Grande do Norte. Eles tinham a mesma cultura, a mesma língua dos Tupiniquins, dos Tupinambás e dos outros grupos ameríndios que

viviam na costa do país no século XVI, provenientes da Amazônia. Essa língua foi chamada pelos portugueses de "língua brasílica". Todos esses grupos eram conhecidos genericamente como "Tupis".

Logo nos primeiros tempos após o descobrimento português do Brasil, verificou-se que todos esses grupos da costa falavam a mesma língua. Ela passou a ser conhecida como "Tupi Antigo" ou "Tupi da costa" somente no século XX, quando surgiram os primeiros estudos sobre línguas indígenas do Brasil. Ela apresentava algumas variantes dialetais, pois era falada num litoral muito extenso de milhares de quilômetros, porém tais diferenças eram pequenas.

A primeira gramática dessa língua foi feita pelo padre José de Anchieta já no ano de 1555 e foi publicada somente em 1595. Ela destinava-se a ensinar Tupi aos jesuítas que chegavam ao Brasil para os trabalhos missionários. Essa língua não tinha um alfabeto e os missionários utilizaram o alfabeto latino para escrevê-la.

Além da gramática de Anchieta, foi publicada outra gramática pelo jesuíta Luiz Figueira no ano de 1621. Em 1618 foi publicado o "Catecismo na Língua Brasílica", que foi obra de vários missionários e é o maior texto que nos chegou dos tempos coloniais em Tupi Antigo.

Além de catecismo e de gramáticas, também foi escrito um dicionário dessa língua, de autoria desconhecida até o século XX. Hoje sabemos que foi organizado pelo padre Leonardo do Valle. Quase tudo o que se escreveu em Tupi Antigo foi obra de missionários ou de viajantes e colonos europeus. Uma exceção a isso foram as cartas dos índios Camarões, escritas durante a invasão holandesa da costa nordestina, cartas essas que estão guardadas na Real Biblioteca de Haia, na Holanda. Os índios Camarões eram potiguaras e tais cartas são os únicos textos escritos pelos próprios índios nos tempos coloniais no Brasil e que chegaram até nós.

Os potiguaras falaram sua língua nativa provavelmente até o século XVIII. Por causa do contato muito antigo com a sociedade colonial, a língua Tupi da costa deixou de ser falada desde então.

Entrevistadores: Poderia nos contar sobre a origem e o desenvolvimento do Projeto POTI - e como esse projeto contribuiu para a recuperação da língua Tupi falada pelos Potiguara?

Eduardo Navarro: No ano de 1998, eu publiquei um curso de Tupi Antigo, fato que teve muita repercussão na mídia, já que nos aproximávamos do ano 2000, em que haveria as comemorações dos 500 anos de Descobrimento do Brasil pelos portugueses. Eu fui convidado, então, por uma associação de mulheres potiguaras da Baía da Traição para iniciar um trabalho de recuperação da língua Tupi na reserva daqueles indígenas da Paraíba. A presidente dessa associação, a senhora Luciene Araújo, foi quem fez o primeiro contato comigo, convidando-me a ir à Paraíba para iniciar um projeto com aquele objetivo. Era o ano 2000. Eu, assim, estive em João Pessoa e discurssei na Assembleia Legislativa do estado sobre tal iniciativa.

Tendo-me afastado de minhas atividades na Universidade de São Paulo no ano de 2001, fui morar no posto da FUNAI da Baía da Traição e, então, comecei a formar professores de Tupi entre os potiguaras. Permaneci na reserva deles durante todo o primeiro semestre de 2001, dando também algumas aulas em Marcação.

Eu lecionava diariamente e comecei, então, a preparar também alunos mais adiantados que pudessem servir como formadores de novos professores. No mês de setembro de 2001, os primeiros professores estavam formados e foi feita uma cerimônia na Aldeia São Miguel, na qual lhes foram conferidos os diplomas. Tal cerimônia foi transmitida pela Rede Globo de televisão no programa Fantástico, daquela mesma emissora, e também noticiada em diversos jornais do país.

A partir de então, eu comecei a acompanhar os professores, preparando também material didático que eles passaram a usar com seus alunos. Pouco tempo depois, foi criada a carreira do magistério indígena na Paraíba e o Tupi Antigo passou a ser ensinado nas escolas da reserva Potiguara do estado.

Entrevistadores: Em que contexto e por quais razões o senhor decidiu implementar o Tupi Antigo no Litoral Norte da Paraíba?

Eduardo Navarro: O reavivamento de línguas mortas é um fenômeno sociológico não recente na humanidade. Trata-se daquilo que se conhece em sociologia como "revivalismo", ou seja, de retorno a formas e fatos culturais pretéritos, por serem considerados melhores, mais perfeitos, definidores de uma identidade cultural perdida que se pretende reviver e afirmar. Movimentos revivalistas surgem de quando em quando na humanidade.

Um importante fenômeno dessa natureza foi o chamado Renascimento, iniciado no século XV. Buscou-se naquele momento histórico tornar o grego e latim clássicos novamente falados, notadamente nos meios cultos. Outro movimento revivalista importante de natureza linguística foi o que levou à ressurreição da língua hebraica, ocorrida no século XX e que teve como um de seus idealizadores o judeu russo Eliezer Ben Yehuda, que emigrou para Jerusalém em 1881. Hoje o hebraico é falado como língua materna por milhões de pessoas em Israel.

Fenômenos revivalistas de natureza linguística também ocorreram no século XX na África, como reação contra o colonialismo europeu. Na Austrália o mesmo tem sucedido em nossos dias com relação a línguas tribais, que estão sendo revitalizadas nas últimas décadas. Na América isso aconteceu nos Estados Unidos, no Canadá, no Paraguai e em outras nações. No Paraguai, com a constituição de 1992, o Guaraní tornou-se língua oficial, juntamente com o castelhano. Isso levou a um trabalho de "depuração" da língua indígena nacional, que estava perdendo importantes conteúdos, com fortes influências do castelhano em sua sintaxe e em seu léxico, o que conduzia à formação de um Guaraní conhecido como Jopará, ou seja, "mesclado".

Como se vê, o revivalismo potiguara não é um fato isolado, mas está inserido em um contexto muito amplo, de dimensões mundiais. Ele tem grande importância para o fortalecimento da identidade cultural brasileira. Foi por essas razões que eu me entusiasmei por essa causa e tenho, há mais de 20 anos, lutado por ela.

Entrevistadores: Quais são as principais estratégias adotadas para a revitalização do Tupi e quais têm sido os desafios enfrentados?

Eduardo Navarro: Sem dúvida alguma, foi a introdução do Tupi no ensino fundamental e médio das escolas situadas na reserva indígena potiguará da Paraíba a principal estratégia até agora utilizada para a revitalização dessa língua entre aquele grupo indígena.

Outra estratégia que tem sido utilizada é o emprego do Tupi nas cerimônias religiosas dos potiguaras, na dança do toré e em outros domínios da sua vida social, como, por exemplo, na nomeação de recém-nascidos ou de adultos, que adotam pseudônimos naquela língua.

O Projeto Poti ainda tem muito a realizar. Com efeito, 24 anos é pouco tempo para um projeto com tamanho objetivo e com tal envergadura. Diferentemente do que ocorreu em Israel no século XX, nós não contamos com o apoio de um Estado nacional nas mesmas dimensões em que ele existiu para o renascimento do hebraico no século XX. Nossos recursos são bem mais limitados. Além disso, muitas pessoas, principalmente no campo da Linguística estruturalista, não compreendem o que estamos fazendo e atacam nosso projeto por considerarem que se deveriam valorizar as línguas indígenas atuais, ainda faladas, e não uma língua morta. No entanto, nenhuma dessas línguas tem importância histórica, nenhuma delas esteve presente na formação de nosso país como esteve o Tupi Antigo.

A nosso ver, a revitalização do Tupi Antigo não é somente importante para os potiguaras, mas para todo o povo brasileiro. Ela é a língua indígena clássica do Brasil.

Outro desafio que precisamos enfrentar é o de converter uma língua antiga em língua falada nos dias atuais, que tenha um léxico adequado aos fatos do mundo contemporâneo. Assim sendo, a criação de neologismos é indispensável e estamos, com efeito, preparando um dicionário português-tupi que vai incluir tais palavras novas, que devem ser criadas, sem o que o Tupi não pode ser falado em todas as situações.

Temos incluído tais neologismos nos materiais didáticos que temos preparado nos últimos anos. Já elaboramos um curso para os primeiros anos da escola fundamental e outro para o ensino médio das escolas potiguaras.

Um próximo passo que pretendemos dar será o de produzir material sonoro que acompanhe tal material didático escrito, a exemplo de cursos de língua consagrados no mundo, como os da ASSIMIL da França. Com tais materiais, será possível até mesmo a autoaprendizagem do Tupi Antigo.

Pretendemos usar as mais modernas tecnologias para o ensino de línguas que estiverem disponíveis atualmente.

Com o amplo avanço da inclusão digital, pretendemos preparar aulas de Tupi falado para as comunidades potiguaras da Paraíba, que serão apresentadas no YouTube ou em outras plataformas digitais.

Entrevistadores: Quais resultados o projeto obteve até o momento? Existem falantes ativos do Tupi ou há algum avanço significativo em sua revitalização?

Eduardo Navarro: Desde o início dos estudos de Tupi Antigo no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, até os dias de hoje, nunca houve tantos conhecedores dessa língua no Brasil como atualmente. Entre os potiguaras há professores muito competentes, com grande conhecimento daquela língua, conhecimento esse que supera, e muito, aquele que tiveram tupinistas do século XX, principalmente na Universidade de São Paulo, onde tais estudos durante décadas foram de má qualidade, com professores que não conheciam bem o Tupi Antigo, com mau conhecimento de sua gramática, que chamavam a língua de "tupi-guarani". Eles não conheciam, com efeito, as diferenças entre as duas línguas.

O que é muito alentador é o fato de haver ótimos professores e falantes da língua que foram formados pelos professores que eu preparei em 2001. São jovens muito idealistas, com muito entusiasmo pela causa de revitalização do Tupi Antigo. É isso que nos dá esperança de grandes avanços do Projeto Poti no futuro.

Entrevistadores: Tendo em vista que o dossiê da Revista InterCulturas aborda a tradução como um processo de mediação intercultural, como o senhor avalia o papel dos tradutores e das traduções na revitalização da língua Tupi entre os Potiguara? Nesse contexto, como foi a experiência de traduzir as cartas dos indígenas potiguaras, escritas em Tupi no século XVII, e que contribuições esse trabalho oferece para o processo de recuperação da língua?

Eduardo Navarro: As traduções que tenham o Tupi Antigo como língua de chegada têm um papel muito importante no processo de revitalização dessa língua entre os potiguaras. Temos como projeto a tradução de textos literários e de histórias para o público infantil e adolescente, os quais deverão ser utilizados nas escolas da reserva potiguara.

Por ora, a tarefa mais importante é a elaboração do dicionário português-tupi, que deverá conter milhares de frases que exemplificarão o emprego do lexema que abre cada verbete.

Temos trabalhado no preparo de tal dicionário, na Universidade de São Paulo, juntamente com quatro alunos que fazem iniciação científica conosco. É um trabalho lento que demandará mais alguns anos para ser concluído.

Com relação à minha tradução das cartas dos índios Camarões do século XVII, tal empreendimento contribuiu para aumentar o orgulho étnico dos potiguaras, que ficaram sabendo que são o único povo indígena do Brasil cujos textos de sua própria lavra chegaram até nós.

A tradução de tais cartas exigiu a elaboração prévia de um dicionário que coligisse todas as palavras que figuram nos textos quinhentistas e seiscentistas, escritos pelos missionários e pelos viajantes europeus que estiveram no Brasil naquela época. Tais cartas confirmam que a língua Tupi que foi escrita pelos missionários e viajantes europeus era, com efeito, a língua dos índios potiguaras.

Entrevistadores: Quais são as dificuldades ao traduzir termos modernos ou técnicos para o Tupi, uma língua que ainda não possui vocabulário formal para muitas dessas novas realidades e como o senhor e os Potiguara lidam com essa questão?

Eduardo Navarro: De fato, o Tupi deixou de ser falado no século XVIII e isso fez com que tal língua não tivesse desenvolvido palavras para nomear os fatos do mundo contemporâneo.

No entanto, outras línguas da mesma família linguística a que o Tupi Antigo pertence, a saber, a família Tupi-Guarani, continuaram a ser faladas. Foi o caso da Língua Geral Amazônica e do Nheengatu, fases do desenvolvimento histórico do Tupi Antigo, faladas em quase toda a Amazônia no século XVIII e em boa parte do século XIX. O Nheengatu hoje tem seu emprego restrito às regiões do Médio e Alto Rio Negro, no estado do Amazonas.

Outra importante língua daquela família é o Guaraní paraguaio, falado até mesmo em meios urbanos. Tal língua tem hoje mais de 5 milhões de falantes em todo o Paraguai. Assim sendo, inúmeras palavras podem ser tomadas em empréstimo delas, passando a figurar no léxico do Tupi falado pelos potiguaras.

Assim sendo, somente tomamos palavras da língua portuguesa quando aquelas línguas ainda faladas não têm termos próprios para designar as realidades do mundo contemporâneo.

Além disso, o Tupi Antigo é uma língua que permite muitas composições e derivações. Assim, muitos neologismos podem ser criados por meio de composições descritivas. É o caso, por exemplo, do termo usado em Tupi Antigo para designar "refrigerador". Para formarmos tal palavra, tomamos o substantivo tupi RO'Y, que significa "frio". Com o prefixo causativo MO-, formamos, então, o verbo MOROY, "esfriar". Antepondo-se a ele, numa relação genitiva, o substantivo MBA'E, "coisa, s" e usando-se o sufixo -ARA, temos a palavra MBA'EMORO'YSARA, "o que esfria as coisas", ou seja, o refrigerador.

Entrevistadores: Em sua opinião, qual é o papel das instituições acadêmicas e de pesquisa nesse processo de revitalização das línguas indígenas no Brasil?

Eduardo Navarro: As línguas indígenas do Brasil, assim como as línguas indígenas de outras partes do mundo, encontram-se ameaçadas pelo processo de globalização econômica, que se tornou mais intenso e mais agudo nas últimas décadas, mas que remonta aos séculos XV e XVI, quando começou a colonização europeia da África, da América e da Ásia. Tão grande é a ameaça que tais línguas minoritárias sofrem, que a UNESCO consagrou a década compreendida entre 2022 e 2032 aos esforços de revitalização delas, chamando-a de "Década Internacional das Línguas Indígenas".

É importante ressaltar que o termo "indígena" não designa somente o que é nativo da América, mas se refere a todas as línguas e culturas mais antigas dos diferentes continentes. Assim sendo, o basco, a língua mais antiga da Europa, também é uma língua indígena, assim como os ainus do Japão, povo mais antigo daquele arquipélago, é também um povo indígena.

As instituições acadêmicas e de pesquisa têm um papel muito importante nesse processo de revitalização, que equivale a valorizar a diversidade cultural da humanidade. É importante que não somente haja pesquisas sobre línguas indígenas, mas que tais pesquisas tenham uma função social explícita. Hoje elas devem estar direcionadas ao fortalecimento das línguas ameaçadas, seja levando à elaboração de material didático, seja incentivando e apoiando as iniciativas para seu fortalecimento.

Entrevistadores: Qual mensagem o senhor deixaria para as pessoas que desejam aprender a língua Tupi? E quais são as suas expectativas em relação ao futuro da língua Tupi entre os Potiguara e, de modo mais amplo, ao futuro das línguas de outras comunidades indígenas no Brasil?

Eduardo Navarro: Estudar o Tupi Antigo é um mergulho no Brasil profundo. É uma experiência maravilhosa que nos põe em contato com nossas raízes culturais mais

profundas, as de matrizes não europeias, as que se acham mergulhadas no solo do continente americano.

Doravante, a cultura será a última trincheira da identidade. É preciso, pois, fortalecê-la num mundo que se empobrece a cada dia, perdendo cada vez mais sua diversidade cultural.

O futuro das línguas indígenas é incerto. Ele dependerá de políticas públicas que as apoiem, de muito esforço conjunto que possa impedir que as línguas minoritárias soçobrem diante do avanço da globalização. Isso não é fácil, mas é possível.

Entrevistadores: Professor, para aqueles que estão tendo o primeiro contato com esse tema por meio desta entrevista, o senhor poderia indicar algumas leituras introdutórias que ajudem a aprofundar o entendimento sobre o assunto?

Eduardo Navarro: Para uma visão abrangente da questão indígena, recomendo a leitura do livro ÍNDIOS DO BRASIL, de Júlio César Melatti, e também da obra ÍNDIOS NO BRASIL, de Luís Donizetti Grupioni.

Para a aprendizagem do Tupi Antigo, recomendo meu MÉTODO MODERNO DE TUPI ANTIGO - A LÍNGUA DO BRASIL DOS PRIMEIROS SÉCULOS, além do meu DICIONÁRIO DE TUPI ANTIGO - A LÍNGUA INDÍGENA CLÁSSICA DO BRASIL.

Entrevistadores: Agradecemos ao professor pela entrevista e por compartilhar sua experiência no trabalho com a língua Tupi entre os Potiguara. Estamos certos que as informações ajudarão a compreender melhor os caminhos possíveis para a valorização das línguas indígenas e os sentidos que elas carregam para as comunidades. Desejamos continuidade ao projeto e aos esforços envolvidos na revitalização.